

ANGELES MASTRETTE E OUTRAS MULHERES DE OLHOS GRANDES

Regina Pamplona Fiúza

Mestre em Letras Vernáculas e Literatura.

Diretora Administrativa da

Academia Cearense de Letras. Presidente da

Sociedade Amigas do Livro. Membro da

Academia Fortalezaense de Letras e

da Associação Brasileira de Bibliófilos.

Após alguns anos organizando os Ciclos de Conferências da Academia Cearense de Letras, escolhendo temas, autores e conferencistas, decidi falar sobre a mulher. O livro *Mulheres de Olhos Grandes* de Angeles Mastretta serviu de incentivo e preparei este trabalho sem a pretensão de fazer crítica literária, mas com o objetivo apenas de mostrar um interessante livro e rever alguns pontos da trajetória e da condição feminina ao longo da história.

Sou uma apaixonada por livros, línguas e literatura, talvez herança de família, tesouro deixado por meu bisavô, José Carlos da Costa Ribeiro Junior, o Bruno Jaci, padeiro – mor da Padaria Espiritual; por meu pai, o médico Carlos Ribeiro Pamplona, um bibliófilo erudito e um amante das artes; por minha mãe, a poetisa Miriam Benevides Pamplona; por meu irmão, o sábio astrônomo Cláudio Benevides Pamplona e por meu tio, o poeta Artur Eduardo Benevides, meu professor de Literatura na universidade, com quem aprendi verdades essenciais sobre o mundo das letras.

Para manifestar o que penso sobre literatura faço uso do excelente texto do escritor peruano Mario Vargas Llosa em seu livro *A Verdade das Mentiras*:

“A Literatura, ao contrário, diferentemente da ciência e da técnica, é, foi e continuará sendo, en-

quanto existir, um desses denominadores comuns da experiência humana, graças ao qual os seres vivos se reconhecem e dialogam, não importa o quão distintas sejam suas ocupações e desígnios vitais, as geografias e as circunstâncias em que existem, e, inclusive, os tempos históricos que determinam seus horizontes... O vínculo fraterno que a literatura estabelece entre os seres humanos, obrigando-os a dialogar e fazendo-os conscientes de uma matéria comum, de fazer parte de uma mesma linhagem espiritual, transcende as barreiras do tempo. A literatura nos retroage ao passado e nos irmana com os que, em épocas idas, forjaram, gozaram e sonharam com esses textos que nos legaram e que, agora, fazem-nos desfrutar e sonhar também. Esse sentimento de pertencer à coletividade humana, através do tempo e do espaço, é a realização mais elevada da cultura, e nada contribui tanto para renová-lo, a cada geração, como a literatura.”

E é esse mesmo sentimento ao qual se refere Vargas Llosa, de coletividade, de parceria, de renovação, de mudança, de igualdade, que acompanha a mulher desde os primórdios.

Segundo a filósofa francesa Elizabeth Badinter em seu livro *L'Amour en Plus*, publicado em Paris, em 1980 e editado no Brasil em 1985 com o título *Um Amor Conquistado, o Mito do Amor Materno*, desde a criação do mundo a mulher é inferiorizada. Deus ao perceber a frustração de Adão por não ter uma companheira que lhe servisse, tira-lhe uma costela para criar a mulher, que é recebida por Adão como “osso dos meus ossos e carne da minha carne”. Em seguida, ela é responsabilizada pelo pecado da desobediência ao ser tentada pela serpente, comer o fruto e oferecê-lo a Adão. Eva tornou-se culpada, por sua “fraqueza”, da infelicidade do homem, e ao transgredir, foi punida com as dores do parto. Deus disse: “Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor parirás teus filhos”.

A transgressão e a desobediência da mulher também estão presentes no mito da caixa de Pandora; em Penélope que fia e desfia o seu tapete e na heroína trágica Antígona.

Em 1989 Elizabeth Badinter publicou, na França, outro livro *Qu'est-ce Qu'une Femme?*, traduzido para o português e publicado no Brasil em 1991, com o título *O que é uma mulher?*, no qual faz a mediação de um debate sobre a mulher, partindo da polêmica entre Antoine Leonard Thomas, membro da Academia Francesa e o enciclopedista Diderot, com a participação de Madame d'Epainay, em 1772.

Thomas publicou o livro *Ensaio sobre o caráter, os costumes e o espírito das mulheres*, que suscitou controvérsias e críticas ferinas à sua pessoa, começando com Melchior Grimm, responsável pela *Correspondance Litteraire*, revista com poderosa influência na intelectualidade da época, seguido por Diderot, que rebate, com profunda ironia, nas páginas da *Correspondance*, a opinião de Thomas, acusando-o de donzelo.

Diderot e D'alembert dirigiam a famosa *Encyclopedie*, de grande influência na França, no período de 1750 a 1780. Seus assuntos eram amplamente discutidos pelos intelectuais e as idéias fluíam entre o conservadorismo e os anseios de liberdade que serviram de base para a Revolução Francesa.

Entra em cena, então, a escritora Louise d'Epainay, que reage às idéias de Diderot defendendo o fato de homens e mulheres possuírem a mesma condição, afirmando que a fraqueza da constituição feminina resulta da educação recebida e dos moldes culturais com os quais as mulheres foram esculpidas. Madame d'Epainay organizava um salão literário, onde convivia com os intelectuais de Paris, época em que construiu, em sua propriedade de *La Chevrete*, o célebre *Eremitário*, freqüentado por escritores e filósofos como Jean-Jacques Rousseau e outros que tais. Louise d'Epainay consegue transitar no meio da intelectualidade masculina, discutindo, de igual para igual, com os grandes nomes da época, não sem a ajuda de Melchior Grimm. Elizabeth Badinter ao confrontar as idéias do século XVIII com as de hoje, tenta responder à pergunta *O que é uma*

mulher? afirmando: Mulher é um animal racional. Em suma, um homem como todo mundo.

A condição de frágil heroína, salva pelo príncipe encantado é comum nas fábulas e histórias infantis. Ítalo Calvino no seu ensaio *Por que ler os clássicos* diz que os mesmos esquemas valem para as fábulas com protagonista feminina: no primeiro tipo, a donzela de condição nobre, ou pelo menos privilegiada, cai numa situação despojada, pela rivalidade de uma madrasta (como Branca de Neve) ou de meias-irmãs (como Cinderela) até que um príncipe se apaixona por ela e a conduz ao vértice da escala social; no segundo tipo a pastora ou camponesa pobre supera todas as desvantagens de seu humilde nascimento e realiza núpcias principescas. Mais adiante Calvino destaca o desempenho das mulheres em *A Odisséia* de Homero:

“O papel de Helena é contraditório, mas sempre marcado pela simulação. Do mesmo modo, Penélope também se apresenta como fingidora, com o estratagemas do tecido; o bordado de Penélope é um estratagemas simétrico ao do Cavalo de Tróia e como ele é um produto da habilidade manual e da contrafação: as duas principais qualidades de Ulisses são também características de Penélope.”

Segundo Roberto Assagioli, pioneiro da psicanálise na Itália e conhecido como Pai da Psicossíntese,

“cada um de nós é um ser humano, antes de ser homem e mulher. E cada um, homem ou mulher, tem papéis e funções a cumprir, individual, interindividual e socialmente. Aqui é onde as diferenças começam. Elas são, muito enfaticamente, não diferenças de valor, apenas diferenças de função... A mulher, portanto, está certa em exigir ser tratada como um ser humano e não como uma simples mulher, como apenas uma mulher... Ela é um ser humano completo.”

Existem poucos registros sobre a produção literária da mulher em épocas remotas.

Marina Colasanti em seu livro *Fragatas para terras distantes* (2004) nos fala que no século XI “um grupo de noviças ou alunas, demonstrando conhecimento de Ovídio e dos romances de cavalaria, compôs versos em latim”. E mais adiante destaca:

“E um nome de mulher ilumina toda a Idade Média, Hildegard de Bingen. Abadessa, cientista, música e compositora, Hildegard manteve vultosa correspondência com os maiores pensadores do seu tempo e escreveu importantes trabalhos místicos”.

E Marina nos fala também da poeta Maria de França e das *trobairitz*, mulheres “que compunham narrativas e tenções poéticas, canções e lais... e encantavam as cortes”.

Na literatura, Dante promoveu, na *Divina Comédia*, a quase – santificação de Beatriz, a amada, como inspiradora e guia espiritual. Depois o ideal feminino renasce através de Goethe na celebração do *Eterno Feminino* que leva os homens para o céu e dos poetas que se referem à *musa inspiradora*.

Na psicanálise, temos Carl Jung com o conceito da *anima* e o arquétipo da mulher redentora. A *anima* é a imagem da mulher ideal que faz a mediação entre o ego e o inconsciente profundo.

Discriminada ou endeusada, a mulher lutou através da história apenas pela igualdade e pelo direito de caminhar junto. As brasileiras têm exercido importante papel na formação e no desenvolvimento do nosso país, através da sua atuação cada vez mais fortalecida por seu conhecimento, sua fala amorosa, seu olhar intuitivo e sua valiosa participação no processo de humanização que envolve a união das pessoas no resgate de valores humanos. Humanizar é refletir sobre a necessidade de mudar atitudes e hábitos profundamente enraizados e as mulheres têm se destacado neste processo. Essas mudanças

têm sido alcançadas com muita dificuldade e, por isso mesmo, não podemos esquecer o esforço individual ou coletivo de um número incontável de mulheres que, inconformadas com sua condição, se rebelaram contra a situação estabelecida, tais como as índias contra a violência dos colonizadores; as negras contra a escravidão e as brancas contra os valores patriarcais vigentes. Todas lutando, de uma forma ou de outra, pela transformação das regras, em contexto de opressão, mas cheias de coragem. Elas foram as principais responsáveis pelos avanços no campo social e pela conquista dos direitos civis, como o acesso à educação, o direito ao voto e à igualdade plena na Constituição Brasileira, embora saibamos que, na prática, ainda não há tanta igualdade assim.

Os movimentos feministas serviram como abertura de espaço para a existência oficial e pública da mulher e para a criação de um canal de transmissão de saberes, de anseios, de sofrimentos e frustrações femininas, permitindo que outras mulheres saíssem do confinamento doméstico, se identificassem e descobrissem as causas das suas insatisfações. Elas passaram a conhecer melhor suas possibilidades e a falar de si mesmas. Essas mulheres corajosas abriram os caminhos e seus exemplos foram essenciais.

Mudanças radicais têm sido vistas, principalmente ao longo dos últimos 50 anos, e a atuação feminina foi a grande força propulsora destas mudanças. A mulher, atualmente, seja como parceira ou colaboradora, influenciando as decisões dos homens ou entrando no mercado de trabalho, participa de todos os segmentos sociais, suavemente, sem alarde, sem discursos reivindicatórios, ocupando, calmamente, um importante espaço, até em funções e cargos anteriormente exclusivos aos homens.

Na área cultural o avanço foi enorme. A leitura e a escrita, muitas vezes funcionam como uma catarse e os direitos que foram negados às mulheres, foram por elas resgatados através da literatura.

O surgimento, no Brasil, de mulheres escritoras parece ter sido a partir do século XIX. O romance *Úrsula* da mara-

nhense Maria Firmina dos Reis, em 1859, é presumivelmente uma das primeiras narrativas de autoria feminina. No século XX, na literatura mundial, tem destaque o livro de Virgínia Woolf *A Room of One's Own*, em 1930.

Barreiras ainda precisam ser quebradas, mas as mulheres estão mostrando sua capacidade e lutando para que não haja mais distinção de gênero, para que homens e mulheres sejam valorizados na mesma dimensão e para que haja harmonia entre os princípios masculino e feminino. Segundo a escritora Lya Luft a disputa entre homem e mulher é atávica, vem das cavernas, quando não havia conflito de sexo nem preconceitos, e em sua crônica “Machos e fêmeas” nos diz que:

“Talvez a questão básica seja nosso (das mulheres) medo de solidão, na ilusão de que, com amante, namorado, marido, teremos resolvido o drama ontológico: o que somos, quanto valem, o que significa esta vida? Antes de sermos dois, temos que viver a solidão essencial do ser humano com o que ela tem de bom, porque nos deixa mais lúcidos. Se conseguirmos viver razoavelmente como um só, livres de protetores ou apêndices, sem ressentimento, rancor ou queixa, entendendo essa condição fundamental nossa, então poderemos nos abrir para o outro.”

Margaret Starbird, escritora americana, em seu livro *The Woman with the Alabaster Jar: Mary Magdalen and the Holy Grail*, publicado em 1993 e lançado no Brasil em 2004 com o título *Maria Madalena e o Santo Graal*, diz que a corrente ortodoxa da Igreja sufocou o princípio feminino em nossa civilização ao deixar que Maria Madalena carregasse o estigma da prostituição. As mulheres lutam até hoje para se livrar dessa condição, dessa marca. Mas existem mulheres fantásticas, que sabem por onde caminhar e como contornar as dificuldades e administrar as frustrações. Elas aprenderam a olhar além da linha do horizonte e, para isso, é preciso que elas sejam *Mulheres de Olhos Grandes*.

São histórias dessas mulheres que a escritora mexicana Angeles Mastretta nos conta neste seu livro, sem levantar estandartes feministas, usando a sua escritura contra o mito da superioridade masculina, com sutileza e bom humor. E ela afirma:

“Considero um privilegio el oficio de escribir como lo hicieron tantas mujeres y tantos hombres a quienes sólo regió el deseo de contar una historia para consolar o hacer felices a quienes se reconocen en ella. De contar una historia para desentrañar y bendecir la complejidad de lo que parece fácil, la importancia de lo que se supone que no importa, de lo que no registran ni los periódicos ni los libros de economía, de lo que no explican los sociólogos, no curan los médicos, ni aparece como um peldaño en nuestro currículum: de la hazaña diaria que es sobrevivir.....”

Angeles Mastretta nasceu em 9 de Outubro de 1949, em Puebla, onde estudou até se mudar, em 1971, para a cidade do México. Fez jornalismo e comunicação e colaborou com jornais e revistas, publicando vários ensaios, crônicas e contos. Em 1985 recebeu o *Prêmio Mazatlán* por seu primeiro romance *Arrancame la vida*, que foi traduzido para italiano, inglês, francês e holandês. Recebeu também, em 1997, o *Prêmio Rómulo Gallegos* por seu romance *Mal de Amores*, tendo sido a primeira vez que foi outorgado a uma mulher.

A obra literária de Angeles Mastretta destaca o pensamento feminista mexicano dos anos 70 e 80 e *Arrancame la Vida* é certamente o livro mais polêmico, e ela mesma diz:

“Es la historia de una mujer enamorada y su educacion: como aprende que no puede ser solamente una mujer enamorada de su esposo sino tiene que ser atrevida, beligerante y sobre todo, en control de su propia vida. También quise responder a mis

propias dudas sobre la relacion entre los hombres y las mujeres.”

O segundo livro é *Mulheres de Olhos Grandes*, que reúne vários contos, tendo como figuras centrais umas “tias” e ambientado em Puebla.

O terceiro, *Puerto Libre* é o mais autobiográfico e filosófico, composto de relatos curtos e ensaios que a autora publicou na Revista Nexos, de 1991 e 1993.

Mal de Amores é o quarto livro e o segundo romance de Angeles Mastretta. Um livro extremamente bem escrito que nos encanta por sua trama, por seus personagens e pela historia da Revolução Mexicana. Angeles Mastretta diz que nesse livro:

“me subí a los trenes de la Revolución, me hice médico, curandera, adivino, aldeana, general, cura, librero, guerrillero, amante de um hombre que me necesita y de otro que no sabe lo que quiere.”

O romance fala de uma mulher envolvida com dois homens, cujo enredo tem como cenário uma época da história do México e a autora diz que quer inventar um mundo a cada manhã e que escreveu para sentir que melhorava o presente invocando o passado. A personagem principal, Emilia Sauri é uma mulher presa a duas paixões. Inteligente, doméstica, ousada, suave mas lutadora, que conta com o apoio de sua tia Milagros, que também é mulher admirável, moderna e livre o que não era comum naquela época. Ambientar Emilia Sauri no passado, segundo Angeles Mastretta, foi uma maneira de sonhar que estes tempos atuais têm remédio, que não são piores que outros, que nossos filhos terão avós, como temos nós agora.

Em 1998 a escritora publica *El mundo iluminado*, contendo pequenas histórias, ensaios jornalísticos e filosóficos e seu discurso de agradecimento ao receber o Prêmio Rómulo Gallegos pelo romance *Mal de Amores*, que é abordado no ensaio *Sonhar uma novela*. Neste ensaio a autora fala também de sua obsessão

pelas palavras, pelo modo como soam e se combinam, por quantos adjetivos sobram e qual é o imprescindível.

Em *Niguna Eternidad como la mia* a escritora nos leva novamente à época do México pós-revolucionário, da segunda metade do século XX, e narra a história de Isabel Arango, uma jovem de dezessete anos que chega à capital do México para estudar dança. Isabel tem a mesma paixão por uma vida independente que as personagens das outras obras da autora, e lembra muito a Emilia Sauri e sua vontade de viver com grande intensidade e liberdade, de acordo com suas próprias convicções e plenamente consciente de seus atos.

Angeles Mastretta, segundo os críticos literários, é avassaladora e envolvente como também o são seus livros. Ela é realmente uma *Mulher de Olhos Grandes* e ao dar uma entrevista, certa vez, disse que fala todas as noites com a lua, mesmo nos dias nublados e que dá graças a Deus ter tido a oportunidade de viver no mesmo século de Cortázar, das aspirinas e de Lancôme. Assume-se como uma mulher mais valente do que guerreira, muito lúcida, irônica, agnóstica e romântica. Sua admiração pelo escritor argentino Júlio Cortázar se deve, com certeza, ao seu refinamento literário e ao seu amor pelas causas sociais. Cortázar, exilado de seu país por desavenças com o peronismo, trabalhou em Paris como tradutor independente da Unesco e foi aplaudido pelo bom uso da fantasia e pela revelação de novos mundos em sua obra.

Angeles Mastretta não é mulher que se esqueça, nem suas personagens femininas, pois elas nos encantam com suas convicções, suas paixões, seus sonhos, suas alegrias, suas lutas e suas esperanças. Ela é ao mesmo tempo a Emilia Sauri, a tia Milagros, a Isabel Arango e as tias de Olhos Grandes.

Em seu ensaio *La mujer es un misterio* escreve:

“Debemos aceptar cuánto pesa buscarse un destino distinto al que se previó para nosotras, litigar, ahora ya ni siquiera frontalmente, dado que los movimientos de liberación femenina han sido

aplacados porque se considera que sus demanda ya fueron satisfechas, com una sociedad que todavia no sabe asumir sus hostilidades y rencores a quienes cambian.”

Mulheres de Olhos Grandes foi publicado em 1990 e é composto de trinta e sete contos. Cada um deles mostra a vida de mulheres que romperam, sem barulho, com as regras que a sociedade lhes impôs e cada uma reagindo de uma maneira diferente à sua circunstância. Há as que são passivas, outras agressivas, algumas religiosas, outras não, mas todas são mulheres que, de alguma forma, tiveram uma vida singular mas que conseguiram achar a saída do labirinto em que viviam, mesmo que algumas não tenham nem tentado sair do labirinto, o importante era saber que poderiam sair.

As mulheres de Olhos Grandes buscam sua própria felicidade sem necessidade de uma luta contra o poder patriarcal e sem discutir teses femininas específicas. Elas agem contra o que as oprime e as impede de exercer a sua liberdade interior. São mulheres que têm consciência do seu poder mas que não levantam esta bandeira. Um bom exemplo disso é a história da Tia Valéria no conto da página 33.

Angeles Mastretta monta, neste seu livro, um painel de figuras femininas que representam muito bem a mulher, que ao invés de se contentar com seu destino, com a sua vida, criou atalhos através dos quais deixou passar muita coragem e muito amor, na simplicidade do ambiente familiar. A autora tece também um fio que conduz situações e personagens com uma leveza impressionante e uma linguagem extremamente agradável e sugestiva, como este trecho da página 121:

“Tia Pilar e Tia Marta se encontraram uma tarde, vários anos, filhos e homens depois de terminarem o primário. E puseram-se a conversar como se ainda no dia anterior tivessem recebido seu último diploma de meninas aplicadas. As mesmas pessoas

lhes transmitiram as mesmas manias, a mesma coragem, os mesmos medos. Cada uma a seu modo fizera com tudo isso algo diferente. Só de se ver, as duas descobriram o tamanho de sua coragem e a qualidade de suas manias, deram tudo isso como certo e passaram a contar-se o que haviam feito com seus medos.”

Ítalo Calvino, em seu livro *Seis propostas para o próximo milênio* nos fala sobre alguns valores literários que mereciam ser preservados nessa nova era: “Minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura, com seus meios específicos, nos pode dar”. Essas qualidades são nomeadas assim por Calvino: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade, e certamente podemos encontrá-las nestes trechos dos contos de Angeles Mastretta:

“O namorado de Clemência Ortega não sabia que frasco de loucura e paixões estava abrindo naquela noite. Pegou-o como um de geléia e o destapou, mas dali em diante toda a sua vida, seu tranqüilo ir – e – vir pelo mundo, com seu terno inglês ou sua raquete de pelota basca, se encheu daquele perfume, daquela beberagem atroz, daquele veneno.

Tia Clemência era bonita, só que embaixo das madeixas morenas tinha pensamentos, e isso chegou a ser um problema. Porque de saída foram seus pensamentos e não só suas vontades que a levaram sem problemas para a cama clandestina que dividiu com o namorado.” (página 85)

“Hoje enterramos o cadáver de José, chorando e chorando, como se sua morte fosse possível. Amanhã saberemos que ele jamais esteve tão vivo, e que nunca poderá morrer antes de mim. Porque a terra não bastaria para cobrir a luz de seu corpo à

meia-tarde, nem o vento mais bravo, para calar sua voz falando baixo. José me pertence. Atravessou a minha vida com sua vida e não haverá quem o tire de meus olhos e de minha alma. Por mais que se queira morto. Ninguém pode matar a parte de si que fez viver nos outros.” (página 94)

A narradora onisciente é testemunha muito próxima das heróicas, divertidas, dramáticas e reveladoras histórias das “tias”. Mulheres espertas, de olhos atentos, sentidos apurados e que não deixam a vida escapar. Em todas as histórias, um impasse! As heroínas nos surpreendem, aceitando os riscos dos novos caminhos e, às vezes, estes caminhos estão somente na imaginação, mas são capazes de exercer um fascínio que as leva a uma liberdade interior e a uma verdadeira catarse. Elas tiram da banalidade do cotidiano, grandes revelações e têm uma sabedoria que é anterior a qualquer revolução emancipadora, portanto, inerente à sua condição de mulher. E é realmente dessa condição que surgem personalidades femininas astutas que costumam obscurecer os homens que, muitas vezes, são apenas fantasmas românticos, intrépidos amantes, maridos competentes ou até mesmo submissos. Tudo isso sem, no entanto, desmerecer a figura masculina e sempre de uma forma sutil e bem humorada.

Os contos de Angeles Mastretta, além de muito agradáveis, nos levam à reflexão sobre as circunstâncias de vida de cada uma das mulheres-personagens e sobre as soluções dadas por elas aos impasses surgidos, o que confere ao texto uma dimensão maior. E para o ensaísta argentino, naturalizado canadense, Alberto Manguel, “a palavra escrita é mais do que nunca, a nossa principal ferramenta para compreender o mundo. A grandeza do texto consiste em nos dar a possibilidade de refletir e interpretar”.

Mulheres de Olhos Grandes é portanto um grande grito secreto de liberdade, daquela liberdade íntima, intrínseca,

instigante, sem rótulos ou estereótipos, daquela liberdade redentora, que independe das circunstâncias de vida ou dos relacionamentos, daquela liberdade que dá à mulher condições de construir a sua estrada, desbravar os seus caminhos, tecer as suas tramas, deixar as suas trilhas e transformar a sua vida numa existência agradável, desafiante, essencial e desfrutá-la com coragem e sobretudo muito amor.

E como diz a tia Fátima, uma das personagens:

“O amor, como a eternidade, é uma ambição. Uma bela ambição dos humanos.”

Para a jovem escritora portuguesa Inês Pedrosa, “amor é coisa séria demais para ficar na mão dos amantes”. É desse amor que nos fala no seu esplêndido romance *Fazes-me falta*. E ela diz, “não importa o que se ama. Importa a matéria desse amor. As sucessivas camadas de vida que se atiram para dentro deste amor.”

É com maestria que Inês Pedrosa nos conduz pela história de um relacionamento homem – mulher, tão intenso e profundo que permanece indefinido entre amizade e paixão e que nos é revelado pelos próprios personagens. Afastados pela fatalidade da morte prematura dela, começam então um “diálogo”. Um capítulo é o depoimento do marido e o seguinte, o da mulher. É a conversa entre a saudade e o desamparo que vai nos esclarecendo a verdade de cada um, de uma forma extremamente agradável poética e inteligente.

Inês Pedrosa já havia publicado, em 1997, o romance *Nas tuas mãos*, ganhador do Prêmio Máxima de Literatura, em Portugal. Neste livro a autora nos fala do amor, através de três mulheres que nos são apresentadas pelo diário da avó, o álbum de fotografias da mãe e as cartas da filha.

Angeles Mastretta e Inês Pedrosa, duas escritoras admiráveis, duas maneiras admiráveis de falar intrinsecamente dos relacionamentos, dos malabarismos, da coragem e da maravilhosa lucidez das mulheres. Assim como Rachel de Queiroz, que dignificou a condição feminina, seja na vida pessoal, na militância política ou na literatura, onde criou mulheres incríveis.

Outra escritora que tem denunciado o problema da violência contra a mulher é a austríaca Elfriede Jelinek, ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura, tendo sido a décima mulher a ganhar o prêmio.

Elfriede tem vários livros publicados, dentre os quais destacamos *Women as Lovers*, *Die Kinder der Totem*, *Just*, e *A Pianista*, que virou filme.

A autora foi discriminada em sua terra, ficando conhecida primeiramente na Alemanha para depois ser reconhecida na Áustria. Foi indicada para o Prêmio Nobel pelo conjunto de sua obra em defesa da mulher, contra a violência sexual e a hipocrisia social.

Muitas mulheres usam a sua escritura e a sua fala para louvar, redimir ou defender as mulheres. Assim o fez Sherezade que, através de sua criatividade e inteligência, montou uma estratégia para salvar as mulheres ao contar histórias ao rei, todas as noites. Histórias de ódio, de amor, de piedade, de medo, de paixão, de generosidade, de crueldade e de delicadeza que seduzem e encantam o rei, atraindo a sua atenção e a sua curiosidade para a continuação no dia seguinte e assim Sherezade consegue evitar a sua morte e a das outras mulheres.

Para finalizar escolhi homenagear duas mulheres admiráveis. Começo com a africana Wangari Muta Maahtai, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz em 2004, por seu trabalho em prol do desenvolvimento sustentável, da democracia e da paz em seu país, trabalho esse destacado no documentário *A Quiet Revolution*.

Wangari fundou o Movimento Cinturão Verde, pelo qual mulheres quenianas plantaram mais de 30 milhões de árvores. Negra, com 65 anos, bióloga e humanista, foi a primeira mulher da África Ocidental a ser doutora em Ciências Biológicas pela Universidade de Nairobi, Mestre pela Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos e a primeira africana a receber o Prêmio Nobel. Tudo isto, por acreditar que a presença do homem no planeta está ligada aos princípios básicos de Justiça Social, respeito à dignidade humana e, sobretudo, à preserva-

ção dos recursos naturais que nos foram dados no início dos tempos e por cultivar a fé e a esperança. É o que ela nos diz neste trecho.

“Sempre tenho esperança, se você perde a esperança, você perde um ingrediente muito importante de ser humano. Você deve acreditar que as coisas podem mudar e passar esse sentimento às futuras gerações”.

Faço questão de homenagear também a escritora cearense Natércia Campos que se encantou aos 65 anos, mulher forte, amiga, meiga, justa, inteligente, culta. Mulher que teve a coragem de mudar, de sofrer com dignidade, de recomeçar, de escrever as suas histórias; de deixar a sua marca, feito marca d'água em papel, nos seus textos e em todos nós; de lutar sem rancor ou amargura, com profundo senso de realidade e principalmente bom humor.

Além das mitológicas Eva, Pandora, Penélope, Antígona e Sherezade, aplaudamos as mulheres guerreiras, as Mulheres de Olhos Grandes, nas figuras exemplares já citadas: as noviças poetas, Hildegard de Bingen, Maria de França, as *trobairitz* Elizabeth Badinter, Louise d'Epina, Maria Firmina dos Reis, Virgínia Woolf, Margaret Starbird, Angeles Mastretta, Inês Pedrosa, Elfried Jelinek, Wangari Muta Maahtai, Rachel de Queiroz e Natércia Campos. Todas elas corajosas em suas lutas, cada uma a seu modo, com suas circunstâncias, seus contextos pessoais ou universais, culturais ou sociais.

Para elas não importou raça, nem idade, nem condição econômica e social, importou, no entanto, a força da alma e do corpo, a audácia do espírito, a vontade de transformar e a crença em destino melhor para a humanidade.